

Programa ignora crise financeira

Solano Nascimento e
Leonardo Cavalcanti
Da equipe do **Correio**

O programa anunciado na última quinta-feira pelo presidente-candidato Fernando Henrique Cardoso para um possível segundo mandato mostrou um otimismo no que se refere à economia. Especialistas ouvidos pelo **Correio** afirmaram que os técnicos tucanos que elaboraram o texto com as principais metas de governo ignoraram as conseqüências da crise deflagrada pela derrocada das bolsas na Rússia.

Segundo o professor de Macroeconomia da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Felipe Ohana, isso pode ser verificado na meta do governo de duplicar o valor das exportações chegando ao ano de 2002 vendendo US\$ 100 bilhões anuais. “Hoje, isso é um tremendo de um otimismo”, afirma ele. “Se houver crise de liquidez, essa meta torna-se altamente fantasiosa.”

Para ele, a crise poderá reduzir os recursos disponíveis no mercado internacional para compras (a liquidez) e ainda impedir investimentos externos em tecnologia, fundamentais para preparar as indústrias brasileiras para a exportação. Por isso, Ohana acredita que a meta do programa de Fernando Henrique foi fixada para o primeiro semestre, quando os indicadores econômicos autorizavam otimismo.

Mesmo assim, o professor da FGV acha que o objetivo do governo até poderá ser alcançado se houver acertos internacionais para a superação da crise nas bolsas — e ele acredita que haverá. “Esse quadro de queda na atividade internacional pode não ser permanente, pois desde julho o mundo está preocupado com a questão da contaminação global (a crise

em vários países ao mesmo tempo).”

Ohana acredita que acertos nos juros nos Estados Unidos e no Japão irão ajudar a solucionar os problemas econômicos. Mesmo assim, para alcançar a meta do governo, segundo ele, serão necessárias também medidas internas para incentivar as exportações, como a reforma tributária.

O próprio Fernando Henrique admitiu na última quinta-feira que, com futuros desdobramentos da crise financeira internacional, as metas do seu governo podem ser mudadas. O programa anunciado promete, além de dobrar as exportações, criar 7,8 milhões de empregos e equilibrar as contas públicas. O texto fala ainda sobre continuidade das privatizações, redução gradual dos juros e aumento do crescimento da economia.

O doutor em Ciências Políticas pela Universidade de Chicago (EUA) Alexandre Barros, consultor de empresas, explica que o programa apresentado por Fernando Henrique depende de recursos, que podem não ser encontrados em meio à crise das bolsas. “Um programa é elaborado para conseguir votos, mas a falta de dinheiro para realizar as principais metas deve ser considerada”.

Para Barros, para cumprir o programa sem precisar de recursos externos, o Brasil precisaria ter um bom índice de poupança interna, o que, segundo ele, não existe. “Assim, é preciso credibilidade para trazer investimentos. O problema é que a confiança do mercado externo no país está despencando, Para piorar,

ainda falta ao governo aprovar reformas que poderiam estar resolvidas”.

É como se o governo não tivesse controle sobre alguns pontos do programa que divulga. “Metas como a queda da taxa de juros e a geração de empregos não dependem apenas da vontade do governo. As circunstâncias para que programa funcione estão acima do controle da equipe do futuro governo.”

Uma das críticas de Barros ao texto do programa é a não referência à desregulamentação da economia para as pessoas de baixa renda. “O

governo precisa deixar o pobre ganhar dinheiro. Abrir um pequeno negócio é uma coisa complicada”, diz numa referência à burocracia para legalizar uma microempresa.

A questão econômica não é a única que causa desconfiança no programa de governo de FHC. O sociólogo e cientista político Flávio Silveira, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, acha que a ênfase em questões sociais — como desemprego, saúde, ataque à miséria e à exclusão social — dada pelo programa poderá causar suspeitas.

“Pelo menos uma parcela do eleitorado fica em dúvida. Pode estar percebendo o programa como um discurso de campanha”, afirma Silveira, que durante seis anos pesquisou o comportamento do brasileiro nas urnas. Ele vê no programa tucano os pontos nos quais, conforme pesquisas, o eleitor acha que Fernando Henrique não se saiu bem em seu governo.

“O GOVERNO PRECISA
DEIXAR O POBRE GANHAR
DINHEIRO”

Alexandre Barros,
consultor de empresas